

Kafka #chateado em uma metáfora para pensar a experiência amorosa mediada pelas Tecnologias Digitais de Comunicação

Kafka #miffed: a metaphor to consider the contemporary experience of love mediated by Digital Communication Technology

Francine Tavares¹

RESUMO

Propõe-se neste artigo a utilização do conceito de metáfora como forma de simbolização diferenciante (WAGNER, 2010) da cultura para estabelecer uma relação entre a cultura afetiva-sexual moderna e a contemporânea. Para tanto, compara-se neste trabalho a experiência relatada por Kafka em *Cartas à Felice* à experiência contemporânea explicitada por um grupo de comentadores do texto *Verdades cruéis sobre os relacionamentos modernos que você vai ter que encarar* no blog Relatos de uma Diva. Como resultado dessa comparação materializada na metáfora “visualizada e não respondida”, encontra-se a experiência da indiferença como marca das relações afetivo-sexuais contemporâneas mediadas por Tecnologias Digitais de Comunicação.

Palavras-Chave: Experiência amorosa; Modulação da sensibilidade; Metáfora, Indiferença.

ABSTRACT

In this article the use of the concept metaphor is presented as a form of differentiating symbolization (WAGNER, 2010) of culture to establish a relationship between modern, contemporary affective-sexual culture. To this end we compare the experience reported by Kafka in "Letters to Felice" to the contemporary experiences expressed by a group of commentators in the text "Cruel truths about the modern relationships that you will have to face" in the blog "Relatos de uma Diva" (Testimony of a Diva). As a result of this comparison a metaphor emerged of messages "seen and not answered" revealing an experience of indifference as being a marked characteristic of contemporary affective-sexual relations, these being mediated by Digital Communication Technology.

Keywords: love experience; modulation of sensibility; metaphor; indifference.

RESUMEN

Se propone en este artículo la utilización del concepto de metáfora como forma de simbolización diferenciante (WAGNER, 2010) de la cultura para establecer una relación entre la cultura afectiva-sexual moderna y la contemporánea. Para ello, se compara en este trabajo la experiencia relatada por Kafka en "Cartas a la Felice" a la experiencia contemporánea explicitada por un grupo de comentadores del texto "Verdades crueles sobre las relaciones modernas que usted tendrá que encarar" en el blog "Relatos de una Diva". Como resultado de esa comparación materializada en la metáfora "visualizada y no respondida", se encuentra la experiencia de la indiferencia como marca de las relaciones afectivo-sexuales contemporáneas mediadas por Tecnologías Digitales de Comunicación.

Palabras clave: Experiência del amor; Modulaci3n de la sensibilidad; Metáfora; Indiferencia.

¹ Professora universitária e doutoranda em Comunica33o e Cultura pela ECO-UFRJ. Bolsista Capes, integrada o Núcleo de Estudos de Mídias, Emo33o e Sociabilidade (Nemes) da UFRJ. Atualmente, pesquisa o discurso midiático do relacionamento saudável. E-mail: tavaresfrancine@gmail.com

O artifício da metáfora

A metáfora é uma figura de linguagem utilizada para atribuir um sentido comum a duas situações. Trata-se de um lugar que, ao ser alimentado pelas potencialidades das partes, ganha um sentido particular no momento em que é proferida. Não representa uma coisa nem outra, inventa uma relação. A palavra vem do latim “meta” e “phora” que significam respectivamente “algo” “sem sentido”. Traduzida do grego, “*metaphorá*” quer dizer mudança. No livro *A invenção da cultura*, publicado em 1975 e traduzido para o português em 2010, o antropólogo norte-americano Roy Wagner apresenta um conceito de cultura que rompe com a tradição antropológica.

A ideia de cultura apresentada por Wagner se relaciona à criatividade e à mediação. Por isso, a figura da metáfora ou da analogia, termos que ele mescla em seu texto, lhe é cara, já que ela conforma a possibilidade inventiva de comunicação e possibilita inventar a própria noção de cultura na relação que acontece entre o antropólogo e os povos tradicionais.

A cultura do outro não é cultura, é outra coisa para esse outro, daí a necessidade de inventar uma metáfora que dê conta de traduzir para a nossa “cultura” o que é aquilo que chamamos de cultura do outro. Por isso, o procedimento analógico precisa obedecer a três princípios, como salienta Goldman no artigo que escreve sobre a obra de Wagner (2012), intitulado *O fim da antropologia* operar num campo de diferença, ou seja, com situações que não são habituais; colocar os termos da relação em posição de igualdade e ser relacional, não uma premissa. Isso quer dizer que ela se construirá no processo de produção do conhecimento, o que vai caracterizar sua própria natureza inventiva.

É na relação de choque do antropólogo com o grupo estudado e do grupo estudado com o antropólogo que o primeiro empreende o árduo trabalho de invenção da cultura por meio de um diagnóstico das diferenças. Wagner salienta ainda que os nativos também são antropólogos, de certa maneira, porque também buscam significar a cultura de quem

chega para estudá-los fazendo o que ele chama de “antropologia reversa”.

Dito isso, afirma-se que a proposta deste artigo é criar uma metáfora que dê conta de explicar como se configura a experiência do amor contemporâneo a partir do olhar sobre as relações afetivo-sexuais mediadas pelas tecnologias digitais de comunicação (TDC) sobre o grupo pesquisado. Cabe registrar que este trabalho faz parte da pesquisa de mestrado da autora e que, para trilhar o caminho e os resultados apresentados aqui, o estudo cruzou três percursos metodológicos: etnografia *on-line* como investigação inicial na publicação *18 verdades cruéis sobre os relacionamentos modernos que você vai ter que encarar*², do blog Relatos de uma Diva; entrevistas em profundidade com 12 pessoas que participaram das discussões do blog e questionário *on-line* com a participação de 700 pessoas. Inscrita no campo das teorias das materialidades da comunicação, a

² O texto do blog foi escolhido como ponto de partida da pesquisa por dois motivos: por expor a relação moduladora entre TDC e relações amorosas e por sua popularidade, já que ele obteve expressivos números de comentários e compartilhamento à época, o que indicou o incômodo do grupo pesquisado em relação ao tema abordado no texto.

pesquisa desenvolvida contou com uma rede de autores como Hans Ulrich Gumbrecht (2010)³, Nicole Boivin (2009)⁴, Brian Massumi (1995)⁵, Francisco Varela (1993)⁶, Franco Berardi Bifo (2011)⁷ e Roy Wagner (2010), que, embora de campos distintos, compartilham de premissas epistemológicas que não reforçam dicotomias como natureza e cultura e sujeito e objeto, além de abrigarem em seus estudos o lugar da contingência, da possibilidade, daquilo que escapa ao sentido dado.

Entretanto, ao trazer o artifício do antropólogo para este estudo, é importante observar que o trabalho etnográfico de Wagner (2010) se dá claramente em uma cultura distinta da qual ele se inscreve. Sendo assim, cabe perguntar: como é possível utilizar o princípio da simbolização

³ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Contraponto, 2010.

⁴ BOIVIN, Nicole. **Material cultures, material minds**: the impact of things on human thought, society and evolution. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

⁵ MASSUMI, Brian. **The Autonomy of Affect**. Cultural Critique, n. 31, The Politics of Systems and Environments, Part II. (Autumn, 1995), pp. 83-109.

⁶ VARELA, THOMPSON, ROSCH. **Enaction**: Embodied Cognition. Embodied Mind. MIT, 1993.

⁷ BERARDI, Franco “Bifo”. **After the Future**. Edinburgh: AK Press, 2011.

inventiva ou, inventar uma cultura, que seja a nossa mesma? Como a autora que escreve este texto, como não antropóloga de formação, que pesquisa sua própria cultura no campo da comunicação, pode fazer uso do princípio de simbolização diferenciante para falar da experiência de amor contemporânea? Seriam os entrevistados desta pesquisa, aqueles que estranham o modo como as relações amorosas acontecem atualmente, antropólogos também?

A hipótese trabalhada aqui será a de que, sim, estão sendo consideradas culturas distintas separadas por um tempo histórico cujas diferenças são evidenciadas, especialmente, pelas tecnologias de comunicação que permitem a distinção dos modos de se comunicar, de se relacionar e de sentir da modernidade para a contemporaneidade.

Sendo a metáfora o artifício usado para mediar duas culturas e inventar a relação entre a cultura do antropólogo e a do “outro”, escolheu-se aqui o “outro” Kafka, que expõe a sensibilidade do século XX nas cartas que destina a sua então noiva Felice, em comparação aos leitores do blog

Relatos de Uma Diva e internautas, para exercitar o movimento criativo proposto por Wagner (2010).

A correspondência do amor não correspondido

Querida, o que foi que lhe fiz para que me torture assim? Uma vez mais nada recebo, nem na primeira nem na segunda distribuição: nem um telegrama. Como me faz sofrer. (Kafka a Felice em 1912)

Meu bem, eu prefiro receber a mensagem do que a angústia de não ter mais notícias... (Comentário sobre relacionamentos modernos em 2014)

Publicado em 1967, *Cartas a Felice*, de Franz Kafka, reúne algumas das 500 correspondências que o escritor endereçou àquela que se tornou sua noiva, a secretária Felice Bauer, num relacionamento, que durou de 1912 a 1917, entre idas e vindas. Nas cartas que Felice vendeu à Editora Schoken em 1955, há apenas as cartas de Kafka a ela e à sua amiga

Grete Bloch, e não suas respostas. Podemos conhecer um pouco da intimidade do escritor apaixonado, sua rotina, a sensibilidade relacionada ao amor, seus medos e ansiedades e um pouco de como o relacionamento com Felice atravessa sua obra literária.

Tudo que Kafka espera é uma resposta. Essa resposta é a presença de Felice, a certeza de uma eternidade que dura ansiosamente até a resposta da próxima carta. A cada resposta, calmaria que dura o tempo entre o recebimento do envelope em mãos e chega ao fim antes da última palavra lida. Mas receber uma carta-resposta o acalma. E suas cartas, estrategicamente, sempre pedem respostas.

Depois dessa carta, dezesseis dias se passaram sem que ela me respondesse e, na verdade, não vejo o que poderia ainda motivar uma resposta tardia, mesmo sendo minha carta daquelas que se terminam com a finalidade de dar ao correspondente a oportunidade de respondê-la logo. (KAFKA, 1985, p.18)

Antes de terminar esta carta faço-lhe uma pergunta bem difícil: por quanto tempo pode se conservar um chocolate sem que ele estrague? (KAFKA, 1985, p. 33)

Enquanto Kafka adia o encontro físico com Felice, em parte porque ele mesmo sente que a relação

não vai chegar aonde tradicionalmente se espera (“Terei saúde suficiente para mim, mas não para casar e muito menos para ter filhos”), ele a alimenta com declarações apaixonadas (“Permita-me dizer que eu te amo com beijos e não só com palavras!”) uma paixão carnal, cuja manutenção está sujeita às problemáticas da vida, com ênfase nos meios pelos quais o casal se comunica, o que sustenta a própria relação. Nas cartas, percebemos claramente como Kafka como namorado, escritor, funcionário de escritório, filho/irmão é afetado materialmente pelos fluxos comunicacionais da época, como é apegado à escrita à mão, não gosta do telefone, usa pouco o telegrama e tem curiosidade pelas inovações tecnológicas (“não sei se você imagina o que seja realmente minha vida e se, a partir dela, compreende minha sensibilidade, nervosa e sempre disponível”). Profere curiosidades de diversos tipos a Felice, que trabalhava numa empresa distribuidora do gramofone quando recém lançado na Europa.

A sensibilidade do escritor é curiosamente composta de temporalidades distintas. Conservador e visionário ao mesmo tempo, os

desejos de comunicação de Kafka de várias formas se aproximam também do desejo contemporâneo de descrição dos detalhes do corriqueiro da vida: “Um dia você deverá anotar a que horas chegou no trabalho, o que tomou no café da manhã, o que se vê da janela de seu escritório, que espécie de trabalho se faz neste lugar, como se chamam seus amigos” (KAFKA, 1967, p. 16). Trazendo-o para os dias atuais, poderíamos perguntar: será que Kafka seria um desses *stalkeadores* que acompanham os rastros da pessoa amada pelas redes sociais?

Embora afirme não gostar do telefone e não ser muito amigo do telégrafo, meios que possibilitariam um contato mais rápido do que a carta, Kafka, apaixonado e confuso, chega a enviar várias cartas num dia, com mensagens que se contrariam entre si, como se fosse possível que Felice as recebesse instantaneamente. Prefere as cartas ao telefone.

Você deve se entender bem ao telefone para poder rir ao aparelho. Só de pensar no telefone a minha vontade de rir desaparece. Aliás, o que me impediria de correr ao posto telefônico mais próximo e desejar-lhe uma boa noite? Mas para ir lá, esperar por uma hora para se conseguir uma linha, agarrar-se ao banco por causa da agitação, enfim, ser chamado e correr rapidamente ao telefone causando

grande tumulto. (Kafka, 1912, 1985, p. 70)

Numa das tentativas de encontrar a noiva, Kafka marca e desmarca o encontro algumas vezes, o que deixa a moça confusa, já que as cartas enviadas no mesmo dia nem sempre chegam na ordem em que foram escritas e muito menos na velocidade que ele parece esperar. Depois de enviar um telegrama com sinalização de urgência perguntando se Felice estava doente, Kafka escreve na carta seguinte: “não pense que eu quis persegui-la com aquele telegrama (...). Eu só estava um pouco fora de mim por causa da ansiedade em que me encontro por esperar sua carta”. E continua: “o apelo do telegrama não deu o resultado esperado. Eu o remeti às 14h30, caracterizando-o de urgente e só obtive resposta às 23h45; quer dizer, nove horas após. Eu levaria menos tempo para ir a Berlin de trem e neste caso no mínimo estaríamos seguros de uma reconciliação”.

Atualmente, a velocidade e a mobilidade dos dispositivos de comunicação ao mesmo tempo em que “resolvem” os problemas revelados nas cartas de Kafka produzem outros problemas aos casais “modernos”,

como aponta um trecho do texto *18 verdades cruéis dos relacionamentos modernos que você vai ter que aceitar*: “Planos com antecedência estão mortos. As pessoas têm opções e atualizações de última hora da localização dos seus amigos (ou outros potenciais romances) graças às mensagens e as redes sociais” (blog Relatos de uma Diva, 2014).

É importante observar os agenciamentos que compõem uma relação amorosa mediada prioritariamente por cartas e não por telegrama, telefone ou smartphones, por exemplo. Nas palavras que expressam os sentimentos de Kafka, percebemos como os horários de entrega do serviço de correios, o trabalho do carteiro, o sistema de transporte/comunicação da época, o papel no qual escrevem as cartas, se é à mão ou à máquina, o horário de trabalho dos dois, o tipo de trabalho que ambos desempenham, o tipo de divertimento que têm, seus interesses, suas famílias, as cidades em que vivem. Tudo isso e outros tantos itens participam da “formação” do modo de sentir de Kafka.

No fundo, minha vida consiste e consistiu sempre em tentativas de escrever, e mais frequentemente, em tentativas largadas no meio do

caminho. (...) Assim, minhas forças eram reduzidas após essas tentativas (...), resultava daí que eu deveria fazer economias de todos os lados, que devia me conter um pouco em todos os domínios. (KAFKA, 1985, p.38)

De repente, toca a campainha! O carteiro! Um homem! E que expressão feliz e amável ele tinha. O telegrama nada podia conter de ruim. (KAFKA, 1985, p.86)

Olhando mais precisamente para o serviço de correios da época e à carta que consistiam no sistema e meio de comunicação, respectivamente, utilizados prioritariamente pelos casais que viviam longe e que queriam se comunicar, encontramos problemáticas que modelam a relação amorosa e a própria sensibilidade dos amantes. Soma-se a isso e a já existência de outras formas de comunicação o amor de Kafka pela escrita. Ele não poderia expressar seus sentimentos de outra maneira senão pelas detalhadas e doces palavras escritas à noite na escrivaninha de seu quarto depois de um longo e enfadonho dia de trabalho (“a máquina não escreve tão rápido quanto a minha vontade”). Primeiro destinadas a Felice, depois a Milena, a outra namorada cujas cartas também foram transformadas em livro.

O receio da não resposta que significa a não presença de Felice está ligado tanto às problemáticas inerentes e constituintes do próprio sistema dos correios quanto ao receio de um amor não correspondido. A possibilidade de extravio, desvio, perda, roubo assim como rastreio, recuperação e impedimento da carta em sua fisicalidade chacoalhava as margens da imaginação amorosa: o que pode ter acontecido à carta enviada? O que continha na resposta que não recebi? O outro, efetivamente, poderia não receber a correspondência e, por isso, não responder.

Você tem um namorado lamentável e acima de tudo chato em excesso. Se não recebe nenhuma carta por dois dias, logo perde a cabeça e começa a desferir golpes para todos os lados, ainda que seja apenas através de palavras... (...) parece-me que uma de minhas cartas extraviou-se. Pelos meus cálculos eu te enviei desde sexta-feira aproximadamente 14 ou 15 cartas. (KAFKA, 1985, p. 90-92)

Atualmente, ainda que alguns receios permaneçam, assim como o desejo de resposta como presença do amor, as possibilidades imaginativas se reduzem infinitamente. A mensagem enviada via dispositivos digitais de comunicação atravessa o espaço na velocidade que o sistema binário permite.

As possibilidades de fabulação amorosa e de causalidades relacionadas ao envio e ao recebimento de mensagens se reduzem drasticamente numa sociedade em que mais de 2 bilhões de pessoas são usuárias de smartphones no mundo. Quando o *Facebook Messenger* avisa que o outro leu a mensagem às 17h30 e mostra que a pessoa está *on-line* num dispositivo móvel e o *Whatsapp* sinaliza dois traços verdes quando a mensagem foi recebida e dois azuis quando foi lida, além de evidenciar quando a pessoa está *on-line* ou quando esteve pela última vez, o que resta imaginar?

A mensagem que você mandou chegou. Se ele não respondeu, pode ter certeza que não foi por causa do mau funcionamento das operadoras de celular. (trecho do texto do blog Relatos de uma Diva, 2014)

Com a transmissão de dados em sistema digital, com a baixa possibilidade de intervenção do ruído, quais explicações nós, amantes em modulação digital, deveríamos esperar das mensagens que não chegam?

Porque nós sempre queremos mostrar para a outra pessoa quão blasé nós podemos ser, joguinhos psicológicos como “Intencionalmente Levar Horas Ou Dias Para Responder Uma Mensagem” vão acontecer.

[trecho do texto do blog Relatos de uma Diva, 2014]

Essa semana mesmo teve uma que estava até num papinho bom, marcando para sair e *talz*, aí mandei uma mensagem e levou uma semana para responder dando desculpa que não tinha tempo... não tinha tempo?

[comentário do blog Relatos de uma Diva, 2014]

É importante distinguir, sobretudo, os sistemas de comunicação que estão em uso tanto nas histórias de Kafka quanto nas recentes angústias relatadas no blog Relatos de uma Diva e nas entrevistas em profundidade realizadas para esta pesquisa. O sistema postal dependia de uma rede de transporte ferroviária - na época - para deslocar de um lugar a outro uma correspondência física. Existia um expediente com horários fixos em que os Correios trabalhavam na coleta, armazenamento, separação e entrega das cartas. Além do elemento humano, dependia dos meios de transporte para tal ação. O envio e o recebimento de correspondências estavam condicionados também ao clima e à

distância entre o remetente e o destinatário. Sem falar que não havia modulação da informação. O destinatário recebia exatamente o que o remetente enviava, o que não eliminava de ruído o entendimento do conteúdo. Na realidade, as possibilidades de ruído, próprias do meio conteúdo, eram tantas que só faziam aumentar a angústia de Kafka. Com sentido, ele sofria com algumas das inúmeras possibilidades de erro que eram próprias do sistema de comunicação usado, além das possibilidades de não correspondência do amor de Felice, próprias da dinâmica amorosa.

A angustiante possibilidade da não correspondência do amor, em última instância, é o que permanece para os amantes contemporâneos. Não receber a resposta de uma mensagem enviada pode suscitar muitos sentimentos e a importância que se dá a essa ausência está diretamente relacionada ao valor que aquele que não responde tem para a pessoa.

pessoa para quem a mensagem foi enviada e do conteúdo da mensagem. Se é uma pessoa por quem não há tanto interesse, o sentimento pode ser de “indiferença”, por exemplo. Se a mensagem não exige urgência ou é algo que - se não for respondido - não coloca em risco a relação e os sentimentos da pessoa, não há tensão. Esse “depende” também está relacionado ao tempo que a pessoa demora para responder. Há uma tolerância que permite pensar que o outro está “Ocupado”, item que também aparece como sentimento, mas que indica a percepção de quem respondeu à pesquisa em relação à falta de resposta do amado. Os sentimentos que aparecem em maior volume indicam desconforto, incômodo e insatisfação com a situação. Chateadx, ansiosx, frustradx, ignoradx estão entre os sentimentos negativos mais citados.

Não há nenhuma menção a sentimentos positivos para essa situação. Indiferença aparece com destaque na ilustração acompanhada do estado de “normalidade”. Parte das pessoas que responderam à pesquisa acha normal não ter resposta para mensagens enviadas. Outra parte, mais expressiva ainda - o tamanho das

palavras na ilustração indica o volume de vezes que a palavra foi citada - se sente indiferente à ausência de respostas. “O oposto do amor não é o ódio, é a indiferença”, já dizia o escritor brasileiro Érico Veríssimo.⁸

As tecnologias digitais de comunicação são usadas para mediar muitas relações, como as de trabalho, de amizade, de interesse comercial etc. No âmbito das relações afetivo-sexuais, o amor pode não estar em jogo também. Podemos dizer que o amor está em jogo quando há virtualmente o desejo de vinculação, quando se vislumbra a construção de um mundo comum, uma “promessa de enraizamento ontológico” (MAY, 2011). Quando alguém desperta no outro uma possibilidade de amor, ainda que de modo não consciente, a comunicação funciona na manutenção desse sentimento.

⁸ *Textpectation* foi uma das palavras adicionadas ao urbandictionary.com, site que funciona como um dicionário de gírias atuais. Muitos dos neologismos inseridos ao dicionário em 2015 foram criados a partir da combinação de duas palavras e têm relação com o universo digital. Segundo a definição cadastrada no site, *textpectation* é um substantivo que significa o sentimento de antecipação de alguém que está esperando a resposta de uma mensagem de texto. Outras palavras e suas ilustrações podem ser acessadas neste link: <http://www.boredpanda.com/modern-word-combinations-urban-dictionary/>. Acessado em 02/12/2015.

No começo da relação, ele falava assim no *Whatsapp*:

‘Boa noite. Tudo bem?’. Eu respondia: ‘Boa noite.

Tudo bem’. E acabava. Não tinha mais comunicação. Não se conversava. Aquilo ali pra mim não é conversa, desculpa. Servia só pra dizer ‘eu estou aqui’. Ele não puxava papo e eu também não. Passamos um mês assim. Mas pessoalmente rolava. A gente conversava, saía, ria, se divertia, Mas, naquele período durante a semana, não rolava. E aí eu fui falar com ele: ‘Pra gente continuar, tem que ter manutenção!’. Eu usei essa expressão: ‘Tem que ter manutenção da relação’”. [Ana Paula, em depoimento durante a entrevista em profundidade].

Como a questão da “mensagem visualizada e não respondida” apareceu repetidamente no texto, nos comentários do blog, nas falas dos entrevistados e no meu dia a dia, esse foi um dos pontos testados na pesquisa

on-line feita com o questionário. Parte das perguntas serviu para entender se a frequência com a qual o outro se corresponde e a agilidade com a qual responde às mensagens enviadas eram entendidos como sinais de interesse afetivo-sexual. É importante registrar que todo o questionário é voltado para relações afetivo-sexuais e não qualquer relação. Mesmo que isso esteja claro desde o início, muitas perguntas reforçam esse lugar com expressões como “namorado/preendente” para que a pessoa responda de acordo com o comportamento/sentimento que tem em relação à pessoa que corresponde àquele papel.

Responder mensagens assim que leio/sempe que posso é uma forma de demonstrar que me interesso e me importo com a pessoa que enviou

700 de 700 pessoas responderam esta pergunta



Enviar e responder mensagens com frequência e agilidade é uma forma de demonstrar interesse pela pessoa que gosto/preendo ficar

700 de 700 pessoas responderam esta pergunta



Fig. 2 e 3: gráfico com as respostas de 700 pessoas ao questionário *on-line* divulgado no Facebook e na lista da Compós.

14

Em primeiro lugar, é possível observar que, sim, há relação entre interesse afetivo/sexual e envio e resposta de mensagens. Há entendimento comum de que responder mensagens com agilidade e, melhor, puxar assunto com certa frequência são sinais evidentes de que o outro gosta ou tem interesse. Há outros sinais que não foram investigados com tanta profundidade como curtir foto e postagem, comentar etc; mas isso acontece mais numa fase prévia, de paquera. Interessa mais

neste trabalho olhar para a fase intermediária, aquela entre alguma coisa já iniciada e a definição dessa “coisa”. Nesse momento, nessa fase, as conversas são essenciais para definir o interesse ou a falta dele numa relação. O fato do outro querer manter a relação está diretamente ligado ao comportamento dele ou dela quando o “casal” não está junto. O que conecta esse casal nesse espaço-tempo é a comunicação, que acontece cada vez mais via dispositivos digitais de comunicação. As conversas sustentam

a relação, dão continuidade ao encontro. A não resposta, em última instância, pode significar o amor não correspondido. A diferença entre Kafka e aqueles que reclamam a ausência de respostas hoje é que o sistema de comunicação usado por Kafka abria inúmeras possibilidades de acontecimentos de ordens distintas, que de fato poderiam impedir o envio e o recebimento das mensagens. Já “a transmissão digital de dados representa um valor ‘instantâneo’ de uma situação e não representa um movimento contínuo comum de sinais analógicos” (BEZERRA, 2008, p.2). Vale ressaltar ainda que, embora ansiasse pela instantaneidade da resposta, não era esse o desejo de Kafka. Ele queria sentir o tempo de espera e a dúvida de que Felice correspondia aos seus sentimentos e, como consequência, suas correspondências. Corresponder ao amor significava responder às cartas. Além de não ter familiaridade com o telégrafo e o telefone, Kafka não desejava a resposta instantânea que esses meios de comunicação propunham. A sensibilidade do amante da época, começo do século XX, permitia a lenta degustação do amor, a digestão das angústias e

ansiedades ainda faziam parte do processo de enamoramento. Como artista, Kafka se alimentava do sofrimento - não apenas amoroso - como combustível criativo. Fazer uma ligação e ter a resposta instantânea de Felice eliminaria o ritual amoroso da escrita, do envio, da espera, da dúvida, da insegurança que só a carta permitia.

O caráter ritualístico da comunicação não se faz presente da mesma forma hoje como no início do século passado. Não é mais um hábito comum reservar um tempo do dia para conversar com o amado, seja por carta, telefone ou e-mail. Além de ser possível manter os outros atualizados da sua vida pessoal a cada instante pelos sites de redes sociais, os aplicativos de mensagens instantâneas promovem a diluição do tempo e das informações transmitidas ao amado.

Quando é necessário resolver uma situação importante, o telefone é essencial. Não porque é mais íntimo, diz Tiago, um dos entrevistados na pesquisa em profundidade, mas porque ele permite saber a reação da pessoa na hora que você fala. Ele conta que certa vez o namorado enviou um e-mail logo depois de sair da sua casa com uma série de

reclamações. Ele ficou chateado porque o rapaz não falou pessoalmente, preferiu usar o e-mail como faria com uma carta, para desabafar. Mas Tiago, ao invés de responder por e-mail, foi falar com ele pelo *Whatsapp*, pois a comunicação ali seria instantânea. O namorado, entretanto, ignorou as mensagens dele. Só restou a Tiago fazer uma ligação. De um telefonema não tem como fugir, “a não ser que ele desligasse na minha cara”, afirmou.

O interessante da comparação entre a história de Kafka e a situação de Tiago é que elas se referem a sistemas de comunicação e a intenções de comunicação diferentes. Como pontua Bezerra, nos sistemas digitais, a comunicação é instantânea e a possibilidade de interferência de ruído é mínima. Além disso, as interfaces dos produtos digitais oferecem aos usuários informações automáticas que sinalizam problema de sinal. Quando a mensagem não pode ser enviada no *Whatsapp* ou no *Messenger* por falta de conexão com a internet, ela nem sairá da caixa e o sistema logo irá informar para o remetente que ela não foi enviada e o motivo da falha. Se ela for enviada, o *Whatsapp*, por exemplo, mostrará instantaneamente que a

mensagem chegou ao destino com o ícone dos dois “vês” (“v”) verdinhos. Se o destinatário ler a mensagem, o sistema irá mostrar automaticamente dois “vês” azuis. É possível alterar a configuração automática para não sinalizar para os outros que a mensagem foi lida. O *Whatsapp* mostra sempre se a pessoa está *on-line*, sem possibilidade de alteração, e ainda quando esteve *on-line* pela última vez - item que pode ser editado.

Com a limitação da interferência dos ruídos no envio e recebimento de mensagens em sistemas digitais, surge também a limitação imaginativa das possibilidades do que pode fazer uma pessoa visualizar e não responder uma mensagem? Tiago acha que não. “Existem tantas, mas tantas possibilidades de coisas que podem fazer a pessoa não responder que você apostar no descaso é muito arriscado. Mas eu penso isso agora, depois que eu parei para refletir”, diz ele que costuma usar *emoticons* nas mensagens de texto que envia para o namorado para desconstruir ambiguidades. “Hoje mesmo não deu certo da gente se encontrar. Aí ele veio falar comigo no *Whatsapp* quando deu. Eu respondi e mandei um

emoticon. Se eu mandei *emoticon*, ele sabe que eu não tô chateado”.

Não é por que as relações amorosas são cada vez mais mediadas por um sistema que modula os sinais humanos em combinações de 0 e 1 que os sentimentos, as emoções e os afetos serão necessariamente binários. A lógica do “nope” ou “like” do *Tinder* ou o ato de curtir uma foto ou enviar uma mensagem para “marcar presença” parecem não ser sinais

suficientes para as pessoas que buscam um relacionamento atualmente.

Ainda que o envio e o recebimento de mensagens funcionem como indicadores de interesse, eles não são os únicos. Os gráficos abaixo mostram que não há uma relação causal entre falta de interesse e mensagens, embora, curiosamente, haja relação entre interesse e mensagens.



Fig. 4 e 5: gráficos com respostas ao questionário *on-line*.

Como Tiago aponta, apostar no “descaso” quando pode haver muitos motivos para alguém não responder uma mensagem é muito arriscado. Por isso, quantitativamente, é possível medir o interesse. A presença do outro na caixa de mensagens é indicativo de interesse, de desejo de manutenção da relação, como apontam os primeiros gráficos. Entretanto, o não interesse merece uma análise qualitativa, de entendimento do sentido, de produção de significado em meio aos ruídos que insistem em atravessar mensagens enviadas por sistemas quase imunes a eles, como o digital.

Nesse momento, entram em cena análises mais sutis, como as que Fábio conta.

Com essa menina com quem eu estava ficando, aconteceu de eu enviar uma mensagem, ela visualizar e passar a manhã toda sem responder. Aí eu perguntei se havia acontecido alguma coisa e ela começou com respostas curtas: ‘Sim. Não. Uhum. Tá...’ Aí eu pensei assim: ‘Pô, então eu não sou tão importante porque quando ela tá comigo ela responde mensagem o tempo todo e quando eu converso com ela, no momento que eu quero e posso conversar, ela simplesmente dá respostas curtas, não desenvolve o diálogo. [depoimento durante a entrevista em profundidade].

Nessa categoria de “relação” que não tem nome, que seria antes a intermediária entre o “ficar” e o

“namorar”, não há abertura para construção de um sentido comum que ajude o outro, aquele que fica sem resposta, a entender os motivos da ausência. A não resposta ocupa um lugar destinado à resposta e exige que o sentido da ausência da resposta seja construído com o algoritmo dos dispositivos de mensagens instantâneas. Enquanto o sistema não mostra que a mensagem foi visualizada, tudo pode acontecer. “Visualizada e não respondida” não é “enviada e não respondida” ou “enviada e não recebida” que atormentavam Kafka. É a certeza de que o outro não responde porque não quer responder. Escolher cessar a comunicação com uma pessoa com quem há pouco se mantinha uma relação afetivo-sexual é o que promove a indiferença na qual se baseiam as relações contemporâneas.

Considerações Finais

Para dar conta de entregar aquilo que é exigido do antropólogo, e, por extensão, dos pesquisadores das Humanidades, com o esforço de não reproduzir representações e encontrar “verdades prontas”, Wagner (2010) faz uso da metáfora como estratégia de

ordenação das coisas que são complexas e volumosas demais. Como Goldman (2012) ressalta, o antropólogo não inventa a cultura porque não existe nada ou porque não compreende o que vê. Ao contrário, a invenção (ou a metaforização) funciona como ordenador da complexidade da própria vida.

Como pode ser visto nas linhas acima, a relação até então convencional entre mensagem-resposta pressupõe uma cultura de atenção e de cuidado com o outro que já se configura como ultrapassada. Mas enquanto o processo de transição entre a “cultura da resposta” e a “cultura da indiferença” não se efetiva, a disjunção dos elementos que compunham o movimento comunicacional analógico promove desconforto, ansiedade, irritação e, em última instância, indiferença.

Sendo assim, a expressão “visualizada e não respondida” funciona como uma metáfora mediadora entre a modernidade e a contemporaneidade porque ela comporta a memória corporal da correlação envio-resposta como premissa das relações afetivo-sexuais, ao evidenciar o sofrimento desse corpo

em choque com as tecnologias digitais de comunicação (sustentadas/produtoras de modos) que promovem fragmentações, repetições e automatismos capazes de distender a relação incorporada de envio-resposta.

A expressão ganha força metafórica ao ser pensada de modo mais abrangente como um modo de se relacionar que extrapola, inclusive, as questões amorosas. “Visualizada e não respondida” já virou sinônimo de “ser ignorado” em situações diversas, mas o interessante é salientar que essa expressão denuncia a irresponsabilidade com o outro, entendendo irresponsabilidade como abstenção da resposta. Isso acontece não pela impossibilidade material/tecnológica de responder, mas pela capacidade sensível de não responder. A indiferença, nesta cultura, se configura como capacidade sensível de não responder a estímulos. Neste caso, a mensagens. Não se responde porque não há mais relação ou sentimento de que o outro mereça uma resposta, o que é decidido individualmente; ou não há sentimento de que o outro mereça resposta naquele momento; ou responder o outro naquele momento implica uma resposta para a qual não se está

preparado; ou responder pressupõe um tipo de compromisso, ainda que seja o compromisso da resposta, com o qual não se quer comprometer; ou, ainda, não se responde porque esqueceu, é tanta gente, não se responder porque não faz diferença.

Dizer que a metáfora extrapola as relações amorosas não significa dizer que ela se aplique a todo tipo de relação, pois, em primeiro lugar, o valor da resposta de alguém por quem se nutre afeição não se compara ao de “qualquer” resposta⁹ e, em segundo lugar, há diversas relações que já são marcadas pela indiferença. A modernidade com suas metrópoles e seus meios de transporte/comunicação possibilitaram a circulação de muitas pessoas num mesmo espaço promovendo o “desvio de olhar”, como lamentou Walter Benjamin, como reação automática do corpo quando os olhos se cruzavam com os de um estranho nas ruas.

⁹ O estudo sobre duplo-vínculo de Gregory Bateson (BATESON, Gregory (et al) *Toward a Theory of Schizophrenia*. Palo Alto, CA: 1956) e pesquisadores da cibernética e da psiquiatria sobre esquizofrenia que demonstrou como há uma intrínseca relação entre a comunicação familiar, em especial a da mãe, e a emergência da doença é útil para pensar a diferença de valor de respostas e a potência da comunicação nas relações amorosas para a produção de patologias. Esse tema, aliás, será abordado em artigos futuros pela autora.

Diferentemente da indiferença denunciada pelo sociólogo George Simmel na passagem do século XIX para o século XX, que configurava um modo de sociabilidade próprio da época, capaz de proteger os sentidos dos habitantes das metrópoles, impossibilitados de prestar atenção e cuidado ao volume de gente dos grandes centros urbanos, como podiam no campo, a indiferença contemporânea é marcada pelas modulações do espaço-tempo promovidas pelas tecnologias digitais de comunicação que afastam pessoas na mesma instantaneidade que aproxima.

Tornar-se indiferente a pessoas escolhidas para tocar, beijar, abraçar, acariciar, dividir momentos, sonhos, objetivos de vida, assistir a filmes, comer um lanche num curto espaço de tempo é um traço da contemporaneidade. A indiferença programada das relações afetivo-sexuais expressa no comportamento metafórico do “visualizada e não respondida” extrapola as relações amorosas porque ela promove relações afetivo-sexuais não amorosas, que rompem com a possibilidade do vínculo, do compromisso, da

responsabilidade e do cuidado com o outro.

Mas, então, seria possível uma cultura na qual a indiferença constituiria o fundamento das relações afetivo-sexuais?

Ficções distópicas como “Admirável mundo novo” de Aldous Huxley dão algumas pistas. Lá, os 2 milhões de habitantes do planeta Terra são produzidos por uma biotecnologia que programa cidadãos com funções e lugares sociais predeterminados. Lá o

sexo é liberado e estimulado, mas o compromisso, por não ter uma função social comum - tendo em vista que as pessoas são produzidas em laboratórios, é abominável. Lá no admirável mundo novo é condenável sair repetidas vezes com a mesma pessoa. Nessa sociedade do futuro, o amor entre pessoas não existe e a manutenção do condicionamento na vida adulta se dá com uma droga chamada soma, útil especialmente nos momentos em que a tristeza insiste em aparecer.

Referências

BENITES, L. **Cultura e Reversibilidade:** breve reflexão sobre a abordagem “inventiva” de Roy Wagner. In: Capôs 8(2): 117-130, 2007.

BEZERRA, Romildo Martins. **Transmissão Digital e Analógica, Redes de Computadores I**, CEFET/BA, 2008.

GOLDMAN, Márcio. **O fim da antropologia.** Novos Estudos CEBRAP, 89:195-211, 2012.

KAFKA, Franz. **Cartas a Felice.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Anima Produções, 1985.

MAY, Simon. **Amor, uma história.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2011.

TAVARES, Francine. **Visualizada e não respondida:** uma metáfora para pensar a experiência do amor mediada pelas tecnologias digitais de comunicação. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UERJ, 2016.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura** Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

14

O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.

Recebido em 1/08/2019

Aprovado em 20/11/2019